

O CONCEITO DE TÉCNICA EM ORTEGA Y GASSET, MARTIN HEIDEGGER E ÁLVARO VIEIRA PINTO

THE CONCEPT OF TECHNIQUE IN ORTEGA Y GASSET, MARTIN HEIDEGGER AND ÁLVARO VIEIRA PINTO

José Ernesto de Fáveri¹

UNIDAVI – Campus Santa Catarina

Sandro Luiz Bazzanella²

Universidade do Contestado – Campus Canoinhas

<https://orcid.org/0000-0002-9430-8684>

RESUMO

A técnica se tornou, na contemporaneidade, um fim em si mesmo. Em sua condição categórica, se apresenta como o modo de vida determinante que nos envolve a partir das regras da racionalidade articulada com base em critérios de funcionalidade e de eficiência. Sob tais pressupostos, o objetivo deste artigo é contribuir com o debate a respeito da questão da técnica e suas imposições sobre a forma da relação dos seres humanos com o mundo, consigo mesmos e como outros seres humanos. Nessa direção, participam deste debate o filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955), mais especificamente em sua obra *Meditação da Técnica* (1963), o filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), a partir do texto *A questão da técnica*, publicado na segunda metade dos anos 50 do século XX, e o filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto (1909-1987), em sua obra *O Conceito de Tecnologia v. I* (2005). Salvaguardadas as diferenças teóricas, conceituais, o que aproxima tais pensadores em torno da questão da técnica é o fato de terem vivenciado os conflitos mundiais das primeiras décadas do século XX, os horrores perpetrados pela racionalidade técnica instrumental nos campos de concentração e a condição subdesenvolvida dos povos do terceiro mundo. Questões que se desenrolaram ao longo do século XX, ceifando vidas, impondo sofrimento e miséria às culturas, aos povos e aos países subdesenvolvidos. Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no 2º Colóquio Álvaro Vieira Pinto, no dia 08 de dezembro de 2017, na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Palavras-chaves: técnica e tecnologia; sociedade e desenvolvimento; Filosofia.

¹ Docente e pesquisador na UNIDAVI, Rio do Sul (SC). Doutor em Educação (UFSCar), mestre em Educação, especializado em Orientação educacional e Graduado em Filosofia e Pedagogia, Ensino Superior (FURB), e-mail: faveri@unidavi.edu.br

² Professor de Filosofia na graduação e no do Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado – Campus Canoinhas, Doutor em Ciências Humanas (UFSC), mestre em Educação e Cultura (UDESC) e Graduado em Filosofia (IFCILD/RS). e-mail: sandro@unc.br

ABSTRACT

Technique has become, in contemporaneity, an end in itself. In its categorical condition, it presents itself as the determinant way of life that involves us from the rules of rationality articulated on the basis of criterion of functionality and efficiency. Under such assumptions, the purpose of this article is to contribute to the debate on the question of technique and its impositions on the way human beings relate to the world, to themselves and to other human beings. In this direction, the Spanish philosopher José Ortega y Gasset (1883 to 1955) takes part in this debate, more specifically in his work “Meditation of the Technique” (1963), the German philosopher Martin Heidegger (1889 to 1976), from the text: “The question of technique”, published in the second half of the 1950s and the Brazilian philosopher Álvaro Vieira Pinto (1909-1987) in his work: “The Concept of Technology” Vol I (2005). Having safeguarded the theoretical and conceptual differences, what brings these thinkers closer to the question of technique is that they experienced the world conflicts of the first decades of the twentieth century, the horrors perpetrated by instrumental technical rationality in the concentration camps and the underdeveloped condition of the people of the third world. Questions that unfolded throughout the twentieth century, reaping lives, imposing suffering and misery on underdeveloped cultures, peoples and countries. Preliminary version of this article was presented at the 2^o Colloquium Álvaro Vieira Pinto, on december 08, 2017 at the Federal University of Paraná (UFPR).

Keywords: technique and technology; society and development; Philosophy.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Na contemporaneidade, o progresso da técnica na forma de novas “tecnologias” assume papel central nas discussões que permeiam o debate em torno do desenvolvimento das sociedades. Dessa forma, urge a necessidade de estudos e pesquisas, não só referentes às novas descobertas, aos avanços científicos e tecnológicos e sua aplicação, mas, sobretudo no campo teórico e conceitual no qual há necessidade de questionar: O que é a técnica? O que a caracteriza?

Notadamente, os conceitos de técnica e tecnologia são utilizados indiscriminadamente pelo senso comum desprovido de apreço e rigor conceitual, quanto ao sentido de um e de outro. O que, a princípio, poderia parecer uma confusão desprezível e ocasional, para Pinto (2005), isso não ocorre por acaso, mas a situação é fruto de interesses das elites dominantes, que desejam conservar essa imprecisão conceitual, o que o referido autor chama de “ideologização da tecnologia”. “Uma vez convertida em ser, em coisa em si, a técnica passa a exercer por si mesma, efeitos como realidade que supõe ser” (PINTO, 2005, p. 177). Sob tais pressupostos, para efeitos deste estudo, entende-se que “Há sem dúvida uma ciência da técnica, enquanto fato concreto e por isso objeto de indagação epistemológica. Tal ciência admite ser chamada de tecnologia” (PINTO, 2005, p. 220).

Para garantir uma análise consistente da técnica e de seu caráter social, torna-se necessário superar a tentação dos devaneios metafísicos e abstratos. Para tanto, a técnica tem de ser concebida como uma sucessão de atos criadores efetuados pelo homem sobre o mundo. Inclusive o ato criador dos instrumentos e das máquinas como resultantes da capacidade criadora do homem para realizar ações sobre a realidade, com o fim de transformá-la de forma cada vez mais elaborada, do ponto de vista técnico, para melhorar as condições materiais da vida do ser humano. A técnica, compreendida sobre esse ângulo, está relacionada com o trabalho-ação que incide diretamente no desenvolvimento da capacidade ideativa e criadora do ser humano. Dessa forma,

Unifica a racionalidade objetiva à racionalidade subjetiva em que dialeticamente uma vai aperfeiçoando a outra ao longo da história das ações humanas. Isto é, a técnica converte-se numa propriedade inerente à ação humana sobre o mundo e exprime por essência a qualidade do homem, como o ser vivo, único em todos o processo biológico que se apodera subjetivamente das conexões lógicas existentes entre, os corpos e os fatos da realidade, as transfere, por invenção e construção, para outros corpos, as máquinas, graças aos quais vai alterar a natureza, com uma capacidade de ação imensamente superior à que caberia aos seus instrumentos inatos” (PINTO, 2005, p. 136).

Esse modo de compreender a técnica possui, como finalidade última, adaptar a natureza às necessidades vitais do ser humano, a fim de melhorar qualitativamente as condições materiais e ideais do mesmo ser. Assim, a técnica está embutida no êxito da ação humana sobre o mundo material, definindo modos de proceder cada vez mais complexos em cada momento da história da humanidade. O homem torna-se sujeito e não objeto da técnica.

Sob tais pressupostos, o objeto do presente estudo reside em torno da concepção de técnica, presente no pensamento do filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955), mais especificamente em sua obra *Meditação da Técnica* (1963), do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto (1909-1987), em sua obra *O Conceito de Tecnologia v. I* (2005) e do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), a partir do texto *A questão da técnica*, publicado na segunda metade dos anos 50 do século XX.

Salvaguardadas as diferenças teóricas, conceituais, advindas dos específicos contextos sociais e políticos, europeu no caso de Ortega Y Gasset e Heidegger, e brasileiro, no caso de Álvaro Vieira Pinto, e que se desdobram em suas respectivas percepções e análises filosóficas, o que aproxima tais pensadores em torno da questão da técnica é o fato de que são homens que vivenciaram os grandes conflitos mundiais das primeiras décadas do século XX, os horrores perpetrados pela racionalidade técnica instrumental nos campos de concentração e outros tantos conflitos que se desenrolaram ao longo do século, ceifando vidas, impondo sofrimento, subdesenvolvimento e miséria às culturas, aos povos e aos países.

Sob tais pressupostos, iniciamos com uma premissa heideggeriana, expressa em seu célebre texto *A questão da técnica: A técnica é o destino de nosso tempo*. Seguramente, pode-se dizer que a técnica é o destino do Ocidente desde seus primórdios. A técnica, essa capacidade criativa humana de fabricar instrumentos para o alcance de determinados fins, acompanha o ser humano desde seus primórdios na longa caminhada humanizadora do mundo. No mundo grego antigo, há conhecimento, a partir da obra de Aristóteles, que a *téchne* está intimamente ligada à dimensão

da estética. Para o filósofo estagirita, a arte se ocupa da beleza que reflete um tipo ideal de realidade que, na natureza, apresenta-se de forma imperfeita.

Para Aristóteles, o belo é um bem, um valor universal desejável e alcançável pela via racional, mas também pela via prática no exercício ético e político da polis. Proporciona aos seres humanos a agradabilidade na contemplação das formas, do cosmo, da existência e da vida. É um bem que agrada aos seres humanos e está vinculado ao plano das faculdades cognitivas que procuram reconhecer na natureza, nos objetos e na própria vida, a ordem, a simetria e a determinação. Sob tais pressupostos, a técnica se apresenta como uma forma de conhecimento, de atividade do espírito, de engenhosidade, de criatividade humana e, enquanto tal, constitui-se na forma de atividade produtiva e prática. A técnica é potência de fazer, de materializar ideias, de colocá-las em ato através do campo produtivo.

A TÉCNICA EM ORTEGA Y GASSET

A obra *Meditações da Técnica*, do filósofo Ortega y Gasset define a técnica como o conjunto dos atos técnicos empreendidos pelo homem na modificação do mundo, na reforma que o homem impõe à natureza, modificando-a no intuito de satisfazer necessidades e vontades. A técnica materializa-se como intensa e enérgica reação contra a natureza e suas forças, trazendo ao mundo, à existência, um conjunto de objetos e de seres que passam a fazer parte do projeto existencial humano.

De onde resulta que estes atos modificam ou reformam a circunstância ou natureza, conseguindo que nela haja o que não há – seja que não existe aqui e agora quando se necessita, seja que em absoluto não existe. Pois bem, estes são os atos técnicos, específicos do homem, o conjunto deles é a técnica, que podemos, desde logo, definir como a reforma que o homem impõe à natureza em vista da satisfação de suas necessidades. [...]. É, pois, a técnica, a reação enérgica contra a natureza ou circunstância que leva a criar entre esta e o homem uma nova natureza posta sobre aquela, uma sobre natureza (GASSET, 1963, p. 14).

Para Ortega y Gasset, a importância estratégica da técnica, na modernidade, apresenta-se na medida do aumento das necessidades humanas, “sabemos que as necessidades humanas são objetivamente supérfluas e que somente se convertem em necessidades para quem necessita o bem-estar e para quem viver é essencialmente viver bem” (GASSET, 1963, p. 22). Sob os imperativos da sociedade da produção e do consumo, a técnica torna-se um fim em si mesmo, um dispositivo vital sem o qual é quase impossível pensar a vida contemporaneamente. A técnica dispõe, usufrui e reforma a vida, na medida em que potencializa os desejos humanos transformando-os em necessidades que se materializam na intensidade produtiva e na voracidade do consumo cotidiano de objetos, de relações e do mundo que circunscreve a condição humana, caracterizando a forma de vida contemporânea.

[...] o empenho do homem por viver, por estar no mundo, é inseparável de seu empenho de estar bem. Mais ainda: que vida significa para ele não simples estar, mas bem-estar, e que somente sente como necessidades as condições objetivas do estar, porque este, por sua vez, é suposto do bem estar. [...]. O bem-estar é a necessidade fundamental para o homem, a necessidade das necessidades (GASSET, 1963, p. 20).

A busca da felicidade, do viver bem, reside na disposição, na capacidade de desenvolvimento e na aplicabilidade da técnica, que pode permitir ao ser humano a longevidade, o corpo ideal, à vida saudável e prazerosa. Assim, se uma parte da vida humana está ligada ao que se pode denominar de natureza e que constitui sua dimensão biológica, que submete o humano às leis da necessidade, a outra dimensão da vida humana, sua condição humana é aquilo que se constrói, que se cria, que se inventa culturalmente, a partir dos entes e dos elementos que a natureza disponibiliza. Assim, o empreendimento humano tem, em sua capacidade técnica, as condições de submeter a natureza, o mundo que lhe é externo a seu serviço, aos seus interesses. Porém, o exuberante desenvolvimento da técnica apresenta sinais inequívocos de domínio sobre a própria condição humana. Ou seja, a racionalidade técnica e instrumental alcançou tal estágio de desenvolvimento que a própria condição humana se torna refém da técnica.

É essa capacidade de criação, de invenção, de trazer ao mundo humano objetos culturalmente construídos que se denomina de técnica. A técnica se apresenta em uma de suas dimensões na capacidade humana de trazer à existência, ao mundo humano, objetos, coisas e seres que não se apresentam num primeiro plano na existência natural de forma imediata. Mas, a capacidade e a necessidade humana de inventar a vida impulsionam a capacidade do homem de enfrentar a natureza, manipulando-a e exigindo que ela entregue o que é necessário e de interesse para o bem viver humano.

E precisamente a essa vida inventada, inventada como se inventa um romance ou uma peça de teatro, é ao que o homem chama de vida humana, bem-estar. A vida humana, pois, transcende da realidade natural, não lhe é dada como lhe é dado à pedra cair e ao animal o repertório rígido de seus atos orgânicos – comer, fugir, nidificar, etc. – Senão que o homem a faz, e este fazer a própria vida começa por ser a invenção dela (GASSET, 1963, p. 33).

É nesse contexto de invenção da vida humana, de construção do mundo, que o ser humano aposta na técnica, a ponto de transformá-la, contemporaneamente, num fim em si mesma, passando a dispor do mundo, da totalidade da existência humana. O sujeito cognoscente traz consigo a necessidade de um método que lhe permita alcançar conhecimentos que, doravante, poderão ser estabelecidos sobre o mundo, sobre a existência, sobre a natureza, sobre sua condição humana e suas relações vitais. Para Ortega y Gasset “o sentido e a causa da técnica estão fora dela; isto é: no emprego que dá o homem a suas energias disponíveis, libertadas por aquelas. A missão inicial da técnica é essa: dar franquia ao homem para poder dedicar-se a ser ele mesmo” (GASSET, 1963, p. 46).

Porém, no capítulo XII de sua obra acima citada, intitulado “O TECNICISMO MODERNO – OS RELÓGIOS DE CARLOS V – CIÊNCIA E OFICINA – O PRODÍGIO DO PRESENTE”, o filósofo abre o capítulo com a seguinte frase: “O tecnicismo da técnica moderna se diferencia, fundamentalmente, daquele que inspirou todas as anteriores” (GASSET, 1963, p. 93). O termo a ser destacado nessa passagem é “tecnicismo da técnica”. Ou seja, o filósofo aponta para a instrumentalidade da

técnica. A técnica que se apresenta como uma das principais artes que acompanha o ser humano em seus esforços de constituição de um mundo que abrigue adequadamente a vida humana, passa na modernidade e, sobretudo na contemporaneidade, a apresentar-se como ameaça aos seres humanos, ao mundo humano. Ortega y Gasset provavelmente vivenciou, nas primeiras décadas do século XX, a ação pavorosa da instrumentalidade da técnica nos campos de batalha da Primeira Grande Guerra Mundial ou os efeitos da Segunda Revolução Industrial de meados do século XIX em diante, marcados pela precarização da vida das massas de trabalhadores, que a despeito do aumento da capacidade produtiva encontravam-se em sua maioria alijados da participação na riqueza tecnicamente produzida.

Sob tais pressupostos, Ortega y Gasset reflete sobre a passagem da técnica enquanto meio a serviço do homem ao longo dos tempos para, na modernidade, assumir uma condição instrumental e, nessa direção, apresentar-se como ameaça ao mundo e a condição humana. Gasset reconhece a importância da técnica como o âmbito por excelência dos meios, que permitiu aos seres humanos criar um mundo que acolhesse a vida humana, mas, ao mesmo tempo, chama a atenção para o fato dos riscos implicados na ausência do questionamento sobre a técnica transformada em fim, em condição destinal do mundo humano.

HEIDEGGER E A QUESTÃO DA TÉCNICA

É neste contexto de profundas e rápidas transformações tecnológicas, científicas, espaço-temporais que estamos vivenciando, que trazemos Heidegger ao centro deste debate, por entender que suas reflexões podem nos ajudar a compreender a questão da técnica sobre a urgência de uma concepção temporal que nos permita retomar a experiência técnico-produtiva fundante da condição humana, demasiadamente humana. Nesse sentido, é sintomático o fato de que a principal obra do filósofo alemão se intitula: *Ser e Tempo*. Porém, no texto *A Questão da Técnica*, conferência proferida por Heidegger na Escola Técnica Superior de Munique em 18/11/1953, o filósofo alemão coloca em jogo o questionamento da essência da técnica como condição para se pensar a vida nas formas como ela se apresenta (Dasein) na contemporaneidade. Para Heidegger, a técnica não é a mesma coisa que a essência da técnica. A essência da técnica não é, de modo algum, coisa que se reduza ao âmbito técnico. Partir do técnico como condição de sua essência não possibilita alcançar a essência, o que limita a liberdade de pensar as implicações sobre a vida, sobre as possibilidades de ser e de estar (apresentar-se) no mundo. Heidegger insiste que permanecer no âmbito do técnico como o essencial é, em última instância, negar a liberdade pelo fato de considerar a técnica como algo neutro. Heidegger,

considera nuestro tiempo como la época del predominio incondicionado de la esencia de la técnica moderna, esencia que llama das Ge-stell: lo dispuesto, el dis-positivo, la im-posición, la posición-total. Esta esencia es un modo de destinarse el ser al hombre, y a ella corresponde este [...] (GUERRA, 2006/2007, p. 12).³

³ Tradução livre da citação: Heidegger [...] considera nosso tempo como a época da predominância incondicional da essência da técnica moderna, uma essência que o autor chama Das Gestell: o querer, o dispositivo, a imposição, a posição total. Esta essência é uma forma de se direcionar ao homem, e deste homem correspondê-la.

Questiona-se a técnica ao questionar o que ela “é”, o seu “ser”. Aquilo que lhe dá identidade, que possibilita a aproximação de seu entendimento diante das possibilidades e dos matizes do que pode ser o real. A concepção moderna de técnica parte do pressuposto de que ela é um meio e um fazer humano, o que a caracteriza por sua determinação instrumental e antropológica. Porém, para Heidegger, ao definir-se a técnica como meio para fins, ou a permanência desse caráter instrumental, faz com que todo esforço de conduzir o homem a uma adequada relação com ela seja determinado pela concepção instrumental da técnica, levando a uma visão precarizada, comprometendo um adequado posicionamento diante das prerrogativas técnicas que se apresentam na modernidade, à medida que a transformam num fim em si mesma e reduzem as condições de possibilidade do pensamento e da ação humana remetendo-a à condição de conformidade, a atuar na operacionalização de formas otimizadas da técnica, enquanto meio.

A partir dessa visão instrumental da técnica, Heidegger adverte de que a correta determinação da técnica não permite alcançar sua essência. O que é meramente correto, talvez não seja imediatamente verdadeiro e somente o que é verdadeiro nos leva a uma relação livre com o que nos toca, a partir de sua essência. Uma das possibilidades de “des-ocultar” o que a técnica “é” ou pode “ser”, é remeter à sua causalidade instrumental. Ou seja, reconhecer na técnica, na sua redutibilidade fechada em si mesma e desprovida de finalidade para além de sua própria expressão, a dimensão meramente instrumental, operacional. Para os modernos, causa significa aquilo que efetua, que faz com que algo surja dessa ou daquela maneira como resultado, diferentemente, do modo de os gregos pensarem, para quem causa significa aquilo que compromete uma outra coisa.

Há séculos a filosofia ensina que há quatro causas: 1. a causa materialis, o material, a matéria [...]. 2. a causa formalis, a forma, a figura, na qual se instala o material; 3. a causa finalis, o fim [...] requerida e determinada segundo matéria e forma; 4. a causa efficiens, o forjador da prata que efetua o efeito, a taça real acabada (HEIDEGGER, 1997, p. 47).

Essas quatro causas apresentam-se como modos de comprometimento que permitem algo aparecer, apresentar-se à existência. Deixam algo surgir na “pré-sença”, liberam algo e, com isso, situam-se num completo surgir. O comprometimento é o traço fundamental desse deixar situar no surgir. O comprometimento está situado na essência da causalidade pensada pelos gregos. O que está em jogo para os gregos é pensar o produzir em toda sua amplitude, na relação com a *physis*, na relação com a totalidade daquilo que é e que se apresenta para a existência. “De acuerdo con la concepción griega, la physis es la póiesis en el sentido más pleno y elevado. La póiesis humana es analógica a la de la naturaleza. Se trata de una producción de lo artificial; es decir, de lo que no surge por naturaleza” (LINARES, 2003, p. 29).⁴

O produzir não se reduz ao que é feito manualmente, ao objeto que é levado a aparecer mecanicamente no mundo. É também o que, a partir de si, emerge seu sentido e os sentidos que propõem a existência em seu entorno são um produzir. Sendo assim, o que se apresenta tem, em

⁴ Tradução livre da citação: De acordo com a concepção grega, *physis* é poesia no sentido mais pleno e mais elevado. A poesia humana é análoga a poesia da natureza. É uma produção do artificial; ou seja, do que não surge naturalmente.

si, a irrupção do produzir no comprometimento consigo e com o mundo, com a *physis*. O produzir leva do “ocultamento” para o descobrimento, é o trazer ao mundo, ao plano da existência, da reversibilidade, na medida em que algo oculto chega ao desocultamento, à verdade, como a exatidão da representação.

A técnica apresenta-se, para os gregos, como um modo de desabrigar, de desocultar o ser, de trazer à existência, de alcançar a verdade. Ela desabriga o que não se produz sozinho e ainda não está à frente e que, por isso, pode aparecer e ser notado. O decisivo, na concepção técnica do mundo antigo, é a sua possibilidade de desabrigar, de trazer à existência, essencializando-se no âmbito em que acontece o desabrigar, o desocultamento.

No contraponto com as prerrogativas da técnica no mundo antigo, para Heidegger, a questão decisiva apresenta-se da seguinte forma: “de que essência é a técnica moderna?” Ora, também ela é um desabrigar, um desocultar. Ela o faz desafiando e exigindo, na relação com a natureza, que se reduza à condição de fornecedora de energia e matéria prima a ser armazenada, consumida freneticamente, na marcha do ideal de progresso do mundo moderno. Apresenta-se como o desafio de extrair, destacar da natureza, tirar o máximo de proveito, a partir do mínimo de despesas. A natureza é objetivada, desabrigada e reduzida à condição funcional e pragmática. Explorar, transformar, armazenar e distribuir são modos de desabrigar. O mundo transforma-se num grande depósito de mercadorias e quinquilharias, expressão máxima de uma racionalidade que se estabeleceu na crença do progresso material, a condição do desenvolvimento existencial.

Como de-pósito aparecem as coisas somente na sua funcionalidade e dis-posição. [...]. A palavra de-pósito ganha agora a posição de um título. Ela caracteriza nada menos do que a maneira como tudo que foi atingido pelo desocultamento exigente desafiante se apresenta. [...]. No processo da apropriação das propriedades das coisas, a técnica desapropria-as do próprio. [...] atinge o homem a quem a técnica demanda igualmente como depósito (BRÜSEK, 2001, p. 79-81).

A busca moderna pelo viver bem, pelas pequenas felicidades proporcionadas pelos instantes efêmeros de consumo, pela segurança individual, apresenta-se como um dos traços fundamentais do desabrigar do mundo, da vida pela técnica. O modo pelo qual tudo o que é tocado pelo desabrigar essencializa-se pela técnica moderna está submetido à lógica da subsistência e, necessariamente, da subserviência do mundo, da natureza e da existência. Ao transformar a natureza em objeto de pesquisa, ao representá-la a partir de um olhar objetivo e metódico, o homem elimina o apresentar-se da natureza em si mesma e faz com que desapareça e se ausente na perspectiva da redutibilidade a objeto de subsistência. A técnica moderna, enquanto desabrigar que requer, não é um mero fazer humano, mas potencializa, no ser humano, o desejo e a vontade para requerer o real, instrumentalizando-o, enquanto mera condição de subsistência. “O valor calculado dissolve as propriedades específicas das coisas, desfaz a sua identidade e demonstra o desconhecimento do seu peso específico” (BRÜSEK, 2001, p. 67).

Na essência da técnica encontra-se aquilo que Heidegger designa como “armação”, sobre a qual se apoia o trabalho técnico de categorização em estruturas, camadas, suportes e conjuntos de peças que compõem a totalidade. A armação apresenta-se, dessa forma, como dissecação da totalidade na fria estruturação das partes funcionais. Na armação, acontece o descobrimento no qual

o trabalho da técnica moderna desabriga o real enquanto subsistência. Nessa condição, o homem da era da técnica moderna é desafiado a incorporar-se na centralidade do desabrigar, assumindo uma postura instrumental de requerente frente à natureza e em relação a si mesmo. Seu modo de representar a natureza faz com que a disponibilize como um complexo de forças possíveis de serem calculáveis, mensuráveis e, conseqüentemente, manipuláveis sob essas perspectivas.

Definir a técnica como uma maneira de desocultamento significa entender a essência da técnica como a verdade do relacionamento do homem com o mundo. A técnica não é mais algo exterior e exclusivamente instrumental, mas a maneira pela qual o homem se apropria e se aproxima da natureza (BRŮSEK, 2002, p. 140).

Nessa perspectiva, avaliamos que

Um ser humano sente-se como se fosse o centro do Universo porque, para ele, sua própria percepção consciente é o ponto de onde vê o panorama cósmico espiritual e material. Também é egocêntrico, no sentido de que seu impulso natural é tentar fazer o resto do Universo servir a seus propósitos. Ao mesmo tempo, tem consciência de que, longe de ser o verdadeiro centro do Universo, ele próprio é efêmero e dispensável. (TOYNBEE, 1987, p. 20).

A técnica moderna somente se afirmou quando pôde apoiar-se sobre a ciência exata na interpretação da natureza. A moderna teoria da física representa a preparação daquilo que Heidegger entende como essência da técnica moderna, na medida em que tal teoria expõe a natureza como conjunto de puras teorias universalizáveis expostas como contexto de forças previamente possíveis de serem calculadas em padrões de regularidades determináveis pelo ser humano. Mesmo com o recuo da física, em sua visão mecanicista e objetiva da natureza, não se renuncia ao fato de que a natureza se anuncie em algum modo asseverado, calculado, como sistema de informações. Uma vez mais, a possibilidade de impulsão na direção da causalidade, em sua essencialidade, é preterida em “função” de causas asseguradas e simultâneas na ordenação de um mundo objetivo, disposto unicamente à subsistência.

Nessa direção, a essência da técnica moderna se anuncia naquilo que Heidegger denomina como armação, que é o modo a partir do qual a realidade se desabriga como subsistência. O homem, em sua natureza e condição humana, apresenta-se no mundo desafiado a requerer e a desabrigar a realidade enquanto necessidade de subsistência. Dessa forma, o ser humano está situado no âmbito essencial da armação e a técnica torna-se o ambiente vital, conduzindo-o pelo caminho do desabrigar o real por todos os lugares e recantos possíveis e imagináveis.

A essência da técnica conduz o homem para o caminho do desabrigar como sendo seu “destino”, o que remete a pensar uma essência da história para além da mera historiografia ou da ratificação do fazer humano. Essa perspectiva destinal, marcante da trajetória humana, apresenta-se como infinito impulso adiante, como contínuo progresso que se supera a si mesmo, missão antropocêntrica de subjugar, de desabrigar ou de desocultar na intenção de alcançar o máximo domínio e a maior previsibilidade sobre as coisas, sobre o mundo, sobre a existência e sobre os próprios seres humanos.

Parece que si el hombre está emplazado por la esencia de la técnica, y ahora su entera existencia está dominada por el solicitar provocador, entonces no puede establecer – por el momento – una relación libre y una distancia ontológica que le permita salir deste emplazamiento. En este sentido, la esencia de la técnica moderna se revela como un destino (Geeschick) que el ser nos ha destinado. [...]. Así, pues, Heidegger muestra que la libertad del hombre ante la técnica moderna está limitada e, incluso, amenazada. El hombre no puede desatender el llamado provocador de la técnica porque proviene del ser mismo y es el modo como ha sido revelado en nuestra época (LINALES, 2003, p. 34)⁵.

A armação como perspectiva existencial, como condição destinal ao desabrigar o real, transformou-se, na modernidade, num imperativo categórico da condição para o descobrimento da realidade. O destino do desabrigar domina os homens, não, porém, como mera fatalidade de coação, mas como condição da liberdade. Liberdade inserida em determinada temporalidade e historicidade, remetendo o homem à paradoxalidade de sua condição diante de projetos existenciais autênticos e suas exigências, daquele que contempla, ouve e se sente pertencente ao âmbito do destino ou de projetos existenciais inautênticos, quando se renuncia ao exercício da liberdade, daquele que reflete a própria existência, o estar-aí, o apresentar-se no mundo em meio a seus desafios.

Para Heidegger “a essência da liberdade, originariamente, não está ordenada segundo a vontade, ou apenas segundo a causalidade do querer humano”. A “liberdade do que é livre não consiste nem na independência do arbítrio, nem no compromisso com meras leis” (HEIDEGGER, 1997, p. 75). A liberdade é o que iluminando, oculta, que se aproxima da verdade e reconhece que o essencial pode ali não estar. É o reconhecimento do fundo misterioso no desvelamento do ser.

O discurso moderno afirma a técnica como o destino da época atual enquanto marcha para o progresso, para o desenvolvimento, algo inalterável e inevitável. Tal prerrogativa civilizatória remete a polêmicas e polarizações diante da técnica, na forma de perpetuá-la cegamente ou de insurreição desesperada contra ela, o que revela os extremismos que se assumem diante da técnica, conduzindo a posições equivocadas e infrutíferas em torno do debate de sua importância e de seus limites sobre a vida em sua totalidade e sobre a condição humana.

Para Heidegger, a questão central está em o humano se abrir para a “essência” da técnica, o que o remete à exigência libertadora de sua condição, de reconhecer que a essência da técnica como elemento destinal, potencializado na inevitável marcha para o progresso, remete o homem à condição de perigo. Pois, o desabrigar que remete ao conhecimento objetivo sobre o mundo abriga o perigo de o ser humano equivocar-se e falsear (por meio do que foi descoberto) o mundo.

O descobrimento de um contexto calculável e mensurável de forças naturais, de possíveis representações geométricas da natureza, permite ao homem transformá-la, mas o perigo apresenta-se no fato de transformar essa (possível) representação da natureza em algo verdadeiro. Nessa condição, pode-se dizer que o perigo se apresenta em duas direções. Na primeira, que

⁵ Tradução livre da citação: Parece que se o homem encontra a si na essência da técnica, e toda a sua existência está dominada por seu chamado, não se pode estabelecer - no momento - uma relação livre e um distanciamento ontológico que lhe permita sair dessa colocação. Nesse sentido, a essência da técnica se revela como um destino (Geeschick) que o homem deve cumprir. [...] Dessa forma, Heidegger mostra que a liberdade do homem em relação à técnica moderna é limitada e está ameaçada. O homem não pode ignorar o apelo provocante da técnica (ou tecnologia moderna) porque essa é a forma como o ser se revela em nosso tempo.

o mundo objetivamente conhecido é reduzido à condição de subsistência, a uma quantidade infinita de mercadorias consumíveis e descartáveis, redução essa que atinge e configura, necessariamente, a vida em suas formas contemporâneas. A segunda é a ilusão de que tudo o que vem ao encontro, somente subsiste na medida em que é algo feito pelo homem. Isso confere, ao homem, a sensação de que, em todos os lugares, somente encontra a si mesmo.

A armação, como essência da técnica moderna, coloca em um jogo perigoso, o mundo, a natureza, o próprio ser humano em sua relação consigo e com tudo o que é e se apresenta à existência no plano da imanência. Impede toda possibilidade diferente de desabrigar, marcada pela imposição e pela cobrança por segurança e subsistência. A armação impede o aparecer e a afirmação da verdade essencial. O destino que requer e manda é, assim, o extremo perigo. A essência da técnica enquanto destino do desabrigar é o perigo no qual as formas de vida, na contemporaneidade, estão submetidas. A autêntica ameaça já impregnou o ser humano em sua essência, impedindo-o de adentrar num desabrigar mais originário, de perceber o apelo a uma verdade originária.

Nesse contexto, a técnica trespassa as formas de vida em curso em nossos dias, respondendo aos anseios, aos desejos e às necessidades derivadas de práticas de vida elevadas em sua condição prioritariamente biológica. Cada vez mais a busca pela realização vital, por sentido e finalidade que orientem as formas de vida, articula-se as armações possíveis derivadas das panaceias prometeicas da técnica. A técnica deixa de ser a extensão do corpo na luta pela sobrevivência, no desvelamento do ser que é chamado à existência, para provocar e dispor da vida, para tê-la à sua disposição como reserva biológica na busca da longevidade, do corpo perfeito, na otimização de desejos e necessidades de produção e de consumo.

Nessa perspectiva, a busca da felicidade e do bem viver reside nas promessas e na crença de desenvolvimento e de aplicabilidade da técnica que permitirão ao ser humano a longevidade, o corpo ideal, a vida saudável, o consumo privatizado de si mesmo e a descartabilidade de objetos e de relações com as coisas e com os seres humanos, que perdem a compreensão de seu sentido na efemeridade das relações tecnologizadas em que se insere a vida de consumo.

[...] evidenciar a transformação que o homem sofre na idade da técnica. Continuamos pensando a técnica como instrumento à nossa disposição, enquanto a técnica se tornou o ambiente que nos envolve e nos constitui segundo as regras de racionalidade que, baseando-se apenas em critérios de funcionalidade e de eficiência, não hesitam em subordinar as exigências do homem às exigências do aparato técnico. Inconscientes, movemo-nos ainda com os traços típicos do homem pré-tecnológico que agia tendo em vista fins inscritos num horizonte de sentido, com uma bagagem de ideias e uma coletânea de sentimentos em que se reconhecia. Mas a técnica não tende a um fim, não promove um sentido, não inaugura cenários de salvação, não redime, não desvela a verdade: a técnica funciona. (GALIMBERTI, 2006, p. 36)

O que estava em jogo na modernidade e que se potencializa na contemporaneidade é a construção de uma ordem racional, asséptica e higiênica que projeta, na técnica, os dispositivos por excelência na definição da vida, na manipulação dos corpos como o suporte da vida e da morte. O corpo, esse lugar polissêmico, híbrido entre natureza e cultura, entre privado e

público, necessitava ser disciplinado, higienizado como condição da máxima produtividade e da felicidade possível. É submetido aos constantes tratamentos, a métodos e técnicas com o intuito de controlar e, se possível, extirpar as mazelas que se abatem sobre os corpos degenerando-os, ceifando-os, abortando, prematuramente, vidas produtivas e consumidoras.

O corpo, suporte por excelência da vida, é transformado em laboratório vivo de dietas, de regimes, de tratamentos e de drogas sintetizadas, no afã de alongar a vida, diminuir sofrimentos, otimizar suas condições de plena produtividade e de consumo, exige tecnicamente que se possa livrá-lo de sintomas de desconforto, de indisposição, e, em certas circunstâncias, em que os cálculos de custo e benefício assim o exigirem, de agilizar a sua morte quando essa se faz eminente e “irreversível” (a partir dos discutíveis critérios técnicos da medicina), a consumir significativos recursos estatais e sociais na manutenção de um corpo que jaz decrépito e inerte em um leito de hospital.

A técnica elevada à condição de si mesma agrilhoa a vida à manifestação de sua condição biológica. Confere-lhe um horizonte ontológico e político articulado em torno de formas de vida caracterizadas por uma ansiosa busca pela vida. Paradoxalmente, constata-se que, talvez em nenhum outro momento da ocidentalidade, a vida foi tão obliterada, violentada e reduzida em suas potencialidades. A efemeridade, o instantâneo e a descartabilidade dificultam fazer a experiência da presentidade cotidiana do ser, de apreciar o transcorrer dos fatos que constituem a vida. Impede-se, ao ser humano, de fazer a experiência da finitude, da morte como um momento único de cada ser e como condição do bem viver, mas, em outro sentido, apenas como um “evento” consumível, na efêmera dinâmica de formas de vida decrépitas.

Porém, Heidegger dirá: “Mas onde o perigo cresce também há salvação” (HEIDEGGER, 1997, p. 81). Ou seja, a essência da técnica deve abrigar em si as possibilidades daquilo que salva. Para tanto, questionar-se-á a técnica, pois, é na sua essência que se encontram as possibilidades que salvam. É a técnica que solicita e impulsiona a pensar em outro sentido o que se entende por “essência”. Assim, torna-se imprescindível que também se questione: É essencial tudo aquilo que dura? Mas, o que dura é o que somente continua? Dura a essência da técnica no sentido da continuação de uma ideia que paira sobre tudo o que é técnico?

O modo como a técnica se essencializa somente se deixa visualizar com base naquele continuar por onde acontece a armação enquanto um destino do desabrigar. Na armação que se impõe sobre o homem, no requerer como único modo de desabrigar, impulsionando o homem ao perigo do abandono de sua livre essência, encontra-se a possibilidade da percepção do sentido, do pertencimento íntimo e indestrutível, do homem a uma totalidade que mantém seu mistério e leva a atentar para a essência da técnica.

Nós humanos somos um aspecto parcial e momentâneo de um incrivelmente longo e paciente processo, da fantástica história evolutiva do Caudal da Vida que caracteriza nosso Planeta e o distingue dos demais planetas deste sistema solar. [...]. A natureza não é um aglomerado arbitrário de fatos isolados, arbitrariamente alteráveis ou dispensáveis. Tudo está relacionado com tudo (LUTZENBERGER, 1986, p. 11).

Enquanto se representa a técnica como instrumento, permanecer-se-á preso à vontade de dominá-la e, na sensação de dominá-la, fica-se cada vez mais aprisionado e violentado por ela, sem perceber, na medida em que se depositam confiança e esperança, de que o desenvolvimento técnico instrumental é a condição de um mundo melhor. Questionar a técnica moderna é, portanto, questionar-lhe a essência em sua ambiguidade enquanto impulso para o “mistério do desabrigamento da verdade”. “A questão da técnica é a questão acerca da constelação na qual acontece a essencialização da verdade” (HEIDEGGER, 1997, p. 87).

Assim, para Heidegger, a “A questão da Técnica” apresenta-se como uma convocação, como possibilidade diante de possível salvação. Salvação essa que se realiza nas pequenas coisas, no olhar atento e na contemplação do mundo e da vida de forma questionadora, procurando compreender, no limite das possibilidades, o fato técnico de estar diante de inúmeras possibilidades vitais e da companhia de perigo extremo.

Questionar a essência da técnica é anunciar o perigo de sua essencialização e abarcar a totalidade das manifestações existenciais, na aridez da instrumentalidade como meio e fim em si mesmos. Questionar a essência da técnica é dar-se conta de que ela se tornou o ambiente por onde se vaga, vive-se, convive-se e se modifica a natureza, o entorno. É dar-se conta de ser requerido e provocado por um poder que se manifesta na essência da técnica. Ao se questionar o homem é, pois, o questionar a condição e a atenção do pensamento.

A TÉCNICA EM ÁLVARO VIEIRA PINTO

O filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto parte do pressuposto de que a compreensão da essência da técnica implica no fundamento de uma definição antropológica. A técnica é um dos elementos que compõem a dinâmica antropogenética que desembocou no processo de hominização que nos trouxe à atualidade da condição humana. “O aparecimento do homem como espécie à parte assinala-se pelo surgimento da técnica, pois tal é a modalidade pela qual a natureza [...], ao lhe negar o instinto produtivo, dota-o da faculdade de agir racionalmente” (PINTO, 2005, p. 195).

O humano produz o humano e o mundo. Para Álvaro Vieira Pinto, o homem em sua animalidade originária foi colocado à prova pela natureza para produzir materialmente o que necessitava para manter-se vivo e, ato contínuo, a produzir a si próprio. Esse produzir-se a si mesmo significa representar, na forma de ideia, as ações que realiza sobre o real no pensamento, enquanto forma de constituição da racionalidade sobre o real e sobre si mesmo. Esse tipo de racionalidade necessita ser concebida de forma dialética, porque está num dinâmico processo de construção simultânea uma em relação à outra. Assim, diferentemente de outros animais e, do conjunto da vida natural em que se apresentavam e se apresentam inseridos numa dinâmica cíclica e instintiva de sobrevivência, de manutenção e de reprodução da espécie, foi exigido aos seres humanos e sua continuidade biológica, individual e como espécie, que produzissem as condições materiais de sua sobrevivência. Coetaneamente, produzem as condições sociais e culturais, que permitem

cada vez mais o domínio da natureza em seu entorno, bem como, a produção da capacidade ideativa, enquanto domínio do seu pensar.

A dignidade biológica do homem, pela qual se distingue das espécies inferiores, reside na possibilidade de produzir. Porque mediante tal ato transforma o mundo à imagem do que pretende venha a ser a realidade física e social, e com esse procedimento modifica-se a si próprio, cria a sua existência. Torna-se o ser obrigado a conhecer para subsistir. Esse processo chama-se cultura, mas a fundamentação biológica onde se assenta não ocorre senão mediatizada pelo exercício das relações sociais. (PINTO, 2005, p. 165)

Há várias questões implicadas nessa perspectiva dialética de Álvaro Vieira Pinto de interpretar a questão da técnica. A primeira delas consiste em dar-se conta de que o humano é a resultante de múltiplas variáveis em jogo coetaneamente no processo de hominização. Sob tal argumentação, torna-se equivocado estabelecer um evento que o antecede ou desencadeia os demais. Para Álvaro Vieira Pinto, não há uma hierarquia de eventos que constituem o humano. O ato produtivo das condições biológicas de existência vem acompanhado do ato produtivo do humano, do aumento de sua capacidade de conhecer os objetos, os materiais que o cercam e, ato contínuo, tais domínios vêm acompanhados pelo desenvolvimento e pela complexificação da linguagem humana ao longo da história.

A segunda questão, derivada da primeira, apresenta-se na perspectiva de que uma leitura do processo de hominização, ancorado no materialismo histórico-dialético, pressupõe o reconhecimento da contradição fundamental que se estabelece entre o homem e a natureza. Ou seja, a emergência do humano pressupõe a necessária superação da natureza. E a superação da natureza, sob determinadas condições, impõe ao homem, novos desafios e obstáculos a exigirem-lhe esforço humano e intelectual. Ao transformar a natureza, o homem produz a si mesmo.

É o ininterrupto esforço de superar os obstáculos da natureza que faz com que o homem se humanize cada vez mais. Assim, o domínio da natureza pelo homem revela um princípio teleológico que lhe é inerente e, que se constata no processo de evolução da vida em sua totalidade e, especificamente no ser humano que atinge o auge desse dinamismo, ao desenvolver a vida em sua base biológica, racional, política e espiritual.

Ao constituir o ser humano, a natureza, se nos é lícito usar esta linguagem antropomórfica, transfere para ele a responsabilidade de procurar tecnicamente a solução das contradições experimentadas com o mundo material, para tanto dá-lhe liberdade de inventar os meios de produzir sua própria existência. A natureza inicialmente, no segmento da evolução puramente animal, programava a espécie e o desenvolvimento desta. Com o surgimento do ser consciente entregou-lhe a capacidade de se autoprogamar, não apenas na condição de animal que se constitui a si mesmo, mas ainda na de agente que, obedecendo a um projeto originado do pensamento, modifica a natureza. Só então torna-se possível a consciência desta técnica. Sem este traço especificamente humano a técnica a rigor não existe (PINTO, 2005, p. 148).

Dessa forma, a terceira questão derivada de um posicionamento dialético diante do processo de hominização refere-se à dimensão da historicidade que envolve o ser e estar do homem no mundo. Sob essa condição, o grau evolutivo e de progresso científico e tecnológico alcançado pelo ser humano não é fruto de uma evolução natural, mas sim da forma como, em cada contexto

histórico, o homem respondeu produtivamente, e tecnologicamente aos desafios da contradição fundamental estabelecida em relação à natureza. Álvaro Vieira Pinto chama a atenção para o equívoco das análises e interpretações que pretendem argumentar que os tempos atuais são melhores, mais evoluídos tecnicamente que outros.

Argumenta o filósofo Vieira Pinto que o homem, em cada contexto histórico, responde de modo específico e característico no que se refere à técnica e aos desafios da contradição com a natureza. Afirma o pensador que as mais diversas respostas conferidas nos mais diversos contextos humanos temporais contribuíram para o grau tecnológico alcançado na atualidade. O que significa afirmar que não encontra amparo na dinâmica histórico-dialética o fato de anunciarmos nossa época com o rótulo de “era tecnológica”. Cada época histórica pode ser concebida como “era tecnológica”, pois articulou técnicas que responderam aos desafios de superação dos obstáculos naturais impostos ao homem naquele contexto de mundo e das necessidades de um momento histórico específico.

A técnica é por isso contemporânea de todo curso do processo de formação do homem na condição de espécie zoológica autônoma. A técnica inicia-se com o homem pela mesma razão que faz o homem iniciar-se com a técnica. Em nenhum momento, os computadores e as máquinas cibernéticas mais complexas [...] se desligam do homem, mesmo quando supostamente parecem gerar os próprios modelos de ação (PINTO, 2005, p. 2001).

É importante salientar que, quando Álvaro Vieira Pinto fala em homem relacionando-o a técnica, o faz considerando-o como um ser social que produz a existência material. “O homem que se fez por si, examinado com rigor científico, revela ser na verdade aquele que se fez pelos outros, mas teve a habilidade de transformar-se a si próprio em conceito ideológico” (PINTO, 2005, p. 305). Assim, “O exercício social da técnica estabelece o fundamento do inevitável caráter ideológico da tecnologia” (PINTO, 2005, p. 321). Vieira Pinto afirma que a relação do homem com a técnica na verdade ocorre por que “a sociedade é o sujeito que domina a tecnologia” (PINTO, 2005, p. 345). Ainda nessa direção, o filósofo chama a atenção para a “raiz de uma modalidade comum de desenvolvimento semântico que irá florescer nas mais simplistas especulações e teorias a que aludimos, mencionando alguns casos passados e atuais, e que todas têm por essência geral o engano da hipostatização da ‘técnica’” (PINTO, 2005, p. 177).

Por fim, ressalta-se uma quarta questão que é a filosofia da técnica. Essa assume um duplo caráter; a inércia da técnica e a técnica como invenção: a) A inércia da técnica. Sob tais pressupostos é preciso deixar claro que o desenvolvimento histórico da técnica consiste num processo vinculado “a acumulação qualitativa do trabalho enquanto o modo de fazer bem, alguma coisa com vista à produção de um resultado com maior economia de meios e de tempo” (PINTO, 1960, p. 75/76). Dessa forma, “a técnica estabiliza por algum tempo o conjunto de relações de produção e dá consistência a estrutura social” (PINTO, 1960, p. 76) num dado momento e contexto. Esse é o modo conservador de conceber a técnica que realiza a manutenção dos modos de fazer que se revelam os mais adequados em determinado contexto. Nesse sentido, a essência da técnica é a inércia, porque usa o fazer bem feito aprovado pelo setor produtivo como obsessão pelo lucro rápido que tende a implantar e oferecer resistência a melhorar processos e resultados. Nessa

direção, a técnica estabiliza processos do fazer humano ao longo do tempo. Ou seja, a técnica manifesta um caráter reacionário porque produz resistência às inovações e reifica as relações sociais contraditórias do modo de produção. Assim, a técnica se transforma num instrumento do bem fazer que estabiliza num estágio específico de desenvolvimento e numa única forma repetitiva do fazer, o processo produção material da existência e, por decorrência, a estrutura social do momento.

Resistência aqui precisa ser compreendida como consciência social que a transformação progressiva e qualitativa da técnica traria turbulência e perturbações de ordem econômica, e esforços intelectuais no sentido de abandonar o arsenal de maquinaria, objetos usuais, ideias e os modos de fazer bem alguma coisa por outra ainda mais elaborada” (PINTO, 1960, p. 76).

Por isso, que representantes da consciência ingênua e setores mais reacionários da sociedade são constituídos pelos chamados técnicos, representantes da classe média que são a sustentação da consciência socialmente ingênua da nação subdesenvolvida. Valorizam o modelo de fazer o mesmo em contextos e momentos históricos diferentes. Daí que a inércia da técnica realiza o reducionismo de que tudo pode pela sua absolutização no interior de um momento histórico e de uma estrutura social resistente a qualquer possibilidade de um novo fazer. Enfim, somos produto de uma sociedade portadora de uma consciência social ingênua que promove a ingenuidade social pela resistência à mudança, isto é, o imobilismo social que vivemos no momento presente da realidade brasileira. Portanto, a inércia da técnica consolida o atual estágio de subdesenvolvimento do país.

b) A técnica como invenção. A técnica como invenção não significa apenas “fazer bem”, mas “no fazer novo”. A técnica tem uma condição inventiva quando procura realizar algo mais perfeito por meio melhor. Esse “meio melhor” do fazer novo desvenda o íntimo da técnica na consciência socialmente crítica. O meio melhor retira: i) o caráter absoluto e definitivo da inércia da técnica nos mais diferentes contextos e momentos da história; ii) a busca do melhor meio que impele a consolidação da atual estrutura social e suas contradições para consolidar o imperativo comum “siga o modelo”. O ponto de partida para “o fazer novo”, que é o meio melhor de fazer, está alicerçado no procedimento de pensar “o fazer bem”, na possibilidade de descobrir outro fazer que seja “melhor” do que o atual. É no encontro com “o outro” fazer que emerge o novo no processo, na forma de fabricação e o novo produzido por ele. Por isso, a técnica, como invenção, dinamiza a qualidade do processo e dos produtos, superando o estágio atual no manuseio das máquinas, objetos e ideias que abrangem toda a estrutura da sociedade objetivando melhorar as condições materiais dos indivíduos e da coletividade. Melhorando a estrutura social pelo processo do desenvolvimento técnico no modo como conseguimos produzir e acessar os bens materiais que necessitamos para nos mantermos vivos, produz-se o desenvolvimento da nação. Portanto, a técnica, como invenção, é o suporte para a superação do subdesenvolvimento.

Esse duplo caráter de conceber a técnica, a inércia da técnica e essa como invenção, levam-nos a uma indagação fundamental: como superar o velho pelo novo? Como superar o fazer bem pelo fazer melhor? Essa passagem somente será possível quando despertar, no indivíduo e na

sociedade, o movimento do espírito criador do qual se apoia sobre o velho procedimento para lançar-se à frente com um novo tipo de fazer, que será sempre um fazer novo. O velho aqui significa o modo estabilizado de trabalho de um dado momento na história e de um contexto, na busca do resultado mais perfeito desejado. A técnica como fazer novo afeta o trabalho existente e, sobre ele, cria um modo novo e mais perfeito do fazer em sociedade para responder às suas necessidades de toda a ordem de um modo mais elaborado do que a fase ou etapa anterior. É nessa perspectiva que podemos falar de um processo de desenvolvimento da técnica, a partir da defesa dos seguintes argumentos:

1) A técnica, como invenção, não está fundada na ideia de que “nada surge do nada (ex nihilo). Ou seja, o ser não pode começar a existir a partir do nada como defendia o filósofo grego Parmênides. A invenção também não se funda na repetição do *modus operandi* do homem sobre o real para conservar o estágio atual do fazer bem. Para alterar o já existente, o efeito do fazer bem numa dada estrutura social e no atual estágio, deve-se vincular o existente habitual e admitir a possibilidade do fazer melhor, a inovação. Essa tem de ser compreendida como o espírito criativo do ser humano em base ao modo como vem operando sobre a realidade. Ou seja, uma racionalidade fundada no “fazer bem”, que dialeticamente pensado, entra num processo de “fazer melhor” sem fim. Ou seja, um modo de produzir melhor e mais elaborado, se comparado com a etapa anterior.

O novo surge do estímulo da imaginação humana, sobre o atual estado de agir e de interagir do homem sobre a realidade, não para reificar o atual estágio, mas rompê-lo e atingir, por meios mais eficientes, um estado melhor e mais perfeito do novo fazer. Nessa tensão, entre o atual estado das coisas e o esforço de imaginação em permanente confronto e diálogo com a realidade, o pensamento capta nova propriedade do real, enquanto nova possibilidade de agir até então desconhecido. É no pensar sobre o que fazemos que nasce o caráter da técnica, enquanto invenção que produz o avanço qualitativo do que fazemos para adaptar o real à manutenção mais perfeita da vida individual e coletiva do ser humano.

2) A técnica, como invenção, entra num processo histórico-dialético de reinvenção do novo modo de fazer do homem sobre o mundo. O que está subjacente a esse argumento é que o ser humano tem de “querer o mundo”, isso significa, o desejo de fazer o mundo enquanto criador dele e não uma simples contemplação dele, “querer o mundo’ [...] entendemos o desejo de fazer o mundo, de constituir-se em criador dele, e não apenas de contemplá-lo. A fonte originária da técnica é, então, este ‘querer o mundo’” (PINTO, 1960, p. 78).

Esse pensamento de Vieira Pinto, chama-nos a atenção sobre a origem da técnica e os seus efeitos sociais. Isto é, por um lado a técnica está presente no processo histórico do qual torna-se a base para o seu aperfeiçoamento ao longo da história, e, do outro, mas de forma complementar, a técnica se insere no bojo do processo de produção material da existência que, além de produzir as coisas que necessitamos para sobreviver, desenvolve, simultaneamente, o aprimoramento da capacidade ideativa do ser humano.

Essa é a fonte original da técnica: o desejo humano de querer um mundo melhor para si e para a sociedade, num dado contexto e momento histórico. Nesse sentido, o ser humano abre-se pela capacidade de operar sobre o real que, representado na forma de ideia no pensamento, cria

uma nova perspectiva para o fazer, que será sempre uma nova técnica do fazer humano. O fazer necessita ser compreendido como acumulação qualitativa de trabalho no seio de uma estrutura social, que dinamicamente vai se aperfeiçoando, tanto no processo, que é o fazer novo, quanto nos produtos, que são os resultados do novo fazer. Assim, o fazer se justifica na perspectiva de melhorar as condições de vida de um povo de forma mais elaborada do ponto de vista técnico, ou seja, melhorar as condições materiais dos indivíduos e da sociedade em geral. Nessa direção, não se pode falar de técnica em geral referindo-se apenas a um contexto social e a um momento histórico isolado, sob pena de cairmos nos delírios metafísicos sobre ela.

3) A técnica, como invenção, não pode ser confundida “com a distribuição horizontal de conhecimento pragmático” para a sociedade como um todo. Mas é o empreendimento de um esforço comum para melhorar o modo de fabricação dos bens necessários à vida e à sociedade, com o fim de criar “o novo” a partir da imaginação sobre o velho, que se desenvolve o progresso qualitativo sobre as condições de vida individual e social do ser humano. Por isso, “o processo histórico do desenvolvimento nacional consiste no desenvolvimento de processos técnicos de produção. Eis a razão pela qual o desenvolvimento nacional está forçosamente na dependência do avanço técnico” (PINTO, 1960, p. 79). É do contínuo avanço da técnica que se instaura a possibilidade de um país superar o degradante nível de subdesenvolvimento. Por isso, é a partir da essência da técnica que podemos,

[...] determinar a aceleração crescente no ritmo de invenção, pois a facilidade com que cada técnica permite aumentar o volume da produção acarreta o encurtamento do seu prazo de vigência, não só porque a manipulação em larga escala de matérias-primas e de utensílios conduz mais brevemente a descobrir neles novas propriedades, mas ainda porque o modo de vencer a concorrência na produção passa a depender da descoberta de processos novos. Daí o rápido envelhecimento de cada técnica particular (PINTO, 1960, p. 79).

Um país subdesenvolvido consegue diminuir a distância dos países desenvolvidos quando se apropria dos conhecimentos técnicos que se difundem muito rapidamente pelo mundo todo, objetivando aumentar o ritmo da produção com uma técnica cada vez mais adequada à realidade nacional. Dessa forma, pode saltar da condição de nação subdesenvolvida para uma nação desenvolvida, mediante a produção cada vez mais elaborada, viabilizando que a sociedade, como um todo, tenha acesso, além do que possui aquilo que ainda não possui. Assim sendo, a técnica cumpre com sua finalidade social que é dar suporte a uma produção material da existência com mais qualidade para a humanização do ser da nação.

4) Enfim, a técnica, como invenção, está intimamente ligada à revolução tecnológica, isto é, apoderar-se do atual estágio do seu desenvolvimento para integrá-lo como possibilidade para enveredar o país no caminho do desenvolvimento nacional.

[...] a instauração do processo de desenvolvimento nacional está intimamente ligada à possibilidade de enveredar o país pelo rumo da revolução tecnológica. Não serão outras as bases da política educacional conveniente às nações desejosas de abreviar a sua emancipação econômica. É preciso que se esforcem por apoderar-se o mais depressa possível das técnicas fecundas, tendo a consciência de que assim deverão proceder porque a aquisição desse saber é o instrumento mais eficaz do seu desenvolvimento (PINTO, 1960, p. 80).

Sob tais pressupostos, criar uma técnica apropriada para o desenvolvimento nacional torna-se um processo caro e demorado, por isso, a melhor estratégia é se apropriar dos conhecimentos técnicos existentes no mundo, para que sirvam de suporte para a superação do atual estágio de subdesenvolvimento. Isso não significa internacionalizar a produção e nem tão pouco sujeitar a nação às técnicas avançadas já existentes no mundo, mas adaptar as técnicas alheias a nossa realidade nacional, para fortalecer as empresas nacionais, a fim de fortalecer a soberania nacional pelo desenvolvimento integral e autônomo da sociedade. Tem origem, nesse processo, o fortalecimento da empresa nacional e a nacionalização do processo e da produção material da existência compatível com as necessidades da sociedade. Assim, a técnica adequada ao desenvolvimento nacional de uma sociedade subdesenvolvida é aquela que impulsiona o fazer novo com novos meios, a fim de encaminhar a produção para o desenvolvimento do ser humano e do ser da nação. É nessa condição de uso da técnica que se agrega valor ao processo de produção nacional e aos processos sociais de humanização da nação, porque um novo jeito de produzir, voltado para satisfazer as reais necessidades do povo, acaba se desenvolvendo de modo adequado às condições socioeconômicas da nação superando o estágio de seu subdesenvolvimento.

Nessa direção, os países desejosos de emancipação econômica e, por consequência, ansiosos para vencer o atraso econômico necessitam de ação política lúcida e decidida, “que determine a comunidade a realizar enorme esforço de acumulação de capital para financiar o progresso técnico” (PINTO, 1960, p. 80), para alterar, de forma qualitativa, o padrão de vida das massas pobres e proporcionando, ao país, outro nível de existência econômica, e, por extensão, à sociedade como um todo. Portanto, o desenvolvimento de um país autônomo, soberano e humanizado, será possível pela superação da produtividade de baixa qualidade que mantém a sociedade subdesenvolvida e desumanizada. Isto é, a superação das desumanas condições de vida, dos indivíduos e da coletividade, acontece a partir do momento em que se dá, ao ser humano, a partir do que possui, o que ainda não possui, por algo mais elaborado do ponto de vista técnico. A técnica, como invenção, é o suporte do processo de um fazer novo acompanhado por meios novos, no sentido de produzir algo mais elaborado que reflita, direta e imediatamente, na alteração qualitativa do padrão de vida dos indivíduos e da sociedade. Enfim, a técnica, como invenção, para superar o subdesenvolvimento nacional pela produção é de natureza qualitativa e não apenas quantitativa, porque não adianta aumentar a produtividade de baixa qualidade e não se lançar para frente com novas formas do fazer melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, confrontando os pensamentos do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, do filósofo alemão Martin Heidegger e do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto, reconhece, num primeiro momento, as especificidades teóricas e conceituais constitutivas do pensamento de cada um dos referidos pensadores. Contudo, reconhece também, a convergência

dos desses autores em torno da centralidade da questão da técnica na modernidade, sobretudo em sua instrumentalidade como forma de domínio e de controle do humano.

Nas três concepções de técnica abordadas existe um ponto de convergência fundamental que é o caráter social no modo como foi concebida, na perspectiva de influenciar na qualidade do padrão de vida em que se promove o bem-estar individual, que se manifesta na melhoria progressiva na qualidade de vida social do ser humano, no processo histórico de hominização.

Os pensadores em questão reconhecem que a ciência moderna, amparada pela instrumentalidade da técnica, apresenta-se como portadora da vontade de verdade à procura do estabelecimento das leis universais, a partir das quais seria possível estabelecer a previsibilidade, a uniformidade, e regularidade à forma de vida dos seres, bem como a dinâmica de sua existência. Pretendendo estabelecer relações de grandeza macrocósmica, bem como adentrar pelos intrincados e ínfimos caminhos da materialidade em sua dimensão microcósmica, decifrando-lhe os segredos e as potencialidades, o homem investe esforços e esperanças no desenvolvimento científico e técnico. Essa condição de aposta na ciência e na técnica justifica-se, em parte, pelo fato do humano constituir-se como humano no confronto com a natureza que o cerca e, por extensão, por sentir-se órfão, abandonado numa realidade cosmologia de grandezas e profundezas abissais, e compete somente a ele encontrar vias de entendimento dos fenômenos naturais que permeiam sua existência.

Num segundo momento, constatam-se diferenças de fundo teórico e conceitual nas análises levadas adiante sobre a técnica pelos referidos pensadores. A análise de Ortega y Gasset ancora-se no materialismo fenomenológico existencialista. O filósofo chama atenção para o fato de que a essência da técnica não se encontra em seu caráter instrumental, mas na forma como desvela os objetos, as coisas que passam a fazer parte do mundo humano e interferir na forma como os seres humanos concebem as relações e, por extensão, o mundo em que se encontram inseridos. Nessa direção, há a percepção de que o posicionamento do Ortega y Gasset apresenta certo ceticismo em relação ao tecnicismo moderno e sua instrumentalidade sobre o homem e o mundo por ele articulado e construído.

Heidegger, a partir de sua vinculação à fenomenologia existencialista de matriz husserliana, aponta para a necessidade da compreensão da “essência” da técnica. Adverte o filósofo que tomar a técnica, em seu caráter instrumental, significa permanecer preso aos seus modos de funcionamento que incidem sobre o humano e sobre o seu mundo. Tal condição impede que haja compreensão do modo de desvelamento do mundo inerente à técnica e ao fazer técnico que, constantemente, produz um mundo e o humano. Sob tais perspectivas, o risco que se apresenta é a essencialização da técnica. Ou seja, quando perdemos a capacidade de perceber que a técnica não é um fim em si mesmo, mas apenas um meio inerente ao esforço humano de tornar-se cada vez mais humano na superação das contradições fundamentais em que se encontra inserido, o humano torna-se meio, instrumento do aparato técnico que o cerca, operador de máquinas e instrumentos que não lhe permitem a experiência vital da contradição em que está inserido e, da necessidade de mobilizar suas capacidades analíticas, interpretativas, no sentido de superar os obstáculos que se lhe apresentam, superando a si próprio.

Por sua vez, a análise de Álvaro Vieira Pinto ancora-se no materialismo dialético, o que lhe permite tomar a técnica como condição *sine qua non* do humano tornar-se humano pelo domínio e pela transformação da natureza que o cerca. Assim, se num primeiro momento, seu posicionamento, diante da técnica, circunscreve-se nos meandros evolutivos do fazer-se humano frente à natureza, num segundo momento o filósofo chama a atenção para os limites da constituição humana, quando se estabelece o limite de acesso à técnica ou a inovações técnicas, limitando o horizonte cognitivo e de domínio do mundo pelo limite da capacidade de técnica do homem nele agir e realizar-se.

Refletir as relações e implicações técnicas na contemporaneidade, significa manter vivo o desafio humano de constituir-se em sua humanidade e mundanidade, de dar-se conta de que a técnica é decorrência das necessidades humanas de sobrevivência e, ao mesmo tempo, de sua capacidade criativa, inventiva e lúdica de se posicionar diante de si mesmo, dos outros seres humanos com os quais compartilham o espaço e o tempo de vida em curso, no esforço de conformar um mundo que possa acolher os desejos e as necessidades humanas. Enfim, um mundo que possa lhe conferir sentido e finalidade vitais e isso, implica, no homem, assumir o protagonismo no desenvolvimento de seu modo de vida.

REFERÊNCIAS

- BRÜSEKE, F. J. **A técnica e os riscos da modernidade**. Florianópolis: ed. da UFSC, 2001.
- BRÜSEKE, F. J. A Modernidade técnica. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, jun. 2002. P. 135-173. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acessado em: 26 mar. 2008.
- GALIMBERTI, U. **Psiche e techne: o homem na idade da técnica**. Tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006.
- GASSET, J. O. y. **Meditação sobre a técnica: vicissitudes das ciências. Cacofonia na física**. Tradução e Prólogo de Luís Washington Vita. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Limitada, 1963.
- GUERRA, J. A. Meditación acerca de nuestra época: una era técnica. In: SABROVSKY, E. **La Técnica en Heidegger**. Antologia de textos. Santiago del Chile: Ediciones de la Universidad Diego Portales, 2006/2007.
- HEIDEGGER, M. **A questão da técnica**. Tradução e apresentação de Marco Aurélio Werle. Cadernos de Tradução, n. 2. DF/USP, p. 40-93, 1997, p. 47.
- LINARES, J. LA CONCEPCIÓN HEIDEGGERIANA DE LA TÉCNICA: DESTINO Y PELIGRO PARA EL SER DEL HOMBRE. In: **Revista Signos filosóficos**, n.10, Julio-diciembre, 2003. Universidad Autónoma Metropolitana – Iztapalapa, México, p. 15-44.
- LUTZENBERGER, J. A. **Fim do futuro?** Manifesto Ecológico Brasileiro. Porto Alegre: Editora Movimento, 1986.
- PINTO, Á. V. **O conceito de tecnologia v. I**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- PINTO, Á. V. **Consciência e realidade nacional**. Rio de Janeiro: MEC. v. 1, 1960.
- TOYNBEE, A. **A humanidade e a mãe-terra: uma história narrativa do mundo**. Tradução Helena Maria Camacho Pereira e Alzira Soares da Rocha. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.